

DESMANCHANDO OS CASTELOS DE AREIA

Sue Monk Ktdd

Em certo verão, bem ameno, meu marido e eu estávamos deitados sobre as toalhas na praia, lendo. Cada um fechado em seu mundo particular. Nos últimos tempos, isso era bem comum. Estávamos sempre muito ocupados, preocupados e caminhávamos em direções distintas. Eu esperava que o descanso de umas férias fizesse alguma diferença, mas até aquele momento passamos a maior parte desse descanso apenas divagando em silêncio.

Tirei os olhos de meu livro para observar as ondas, uma após a outra, mas eu estava inquieta. Corri meus dedos pela areia e perguntei a meu marido:

– Quer fazer um castelo de areia?

Ele, na verdade, não queria, mas concordou para me agradar. Assim que começamos, ele ficou surpreendentemente absorto pelo projeto – nós dois, na verdade. Depois de algum tempo, estávamos trabalhando sobre o monte de areia, como se nosso castelo fosse ser fotografado para a revista *Castelos de Areia*, Sandy fez pontes sobre o fosso, enquanto eu coroaava o topo do castelo com torres altas e esguias. Fizemos sacadas e janelas em arco, alinhadas com pequenas conchas. Parecia *Camelot*, o castelo da corte do rei Artur.

Nenhum de nós percebeu quando a maré mudou. Não percebemos as ondas subindo até que o açoite da água arrancou um naco de nosso castelo. Mas como as ondas voltavam com monótona regularidade, nossas mãos ficaram estáticas, e nossos olhos se perderam no horizonte. Sandy voltou para sua toalha de praia, e eu para a minha. Retornamos ao nosso silêncio.

Quando dei mais uma olhada à volta, o castelo de areia que construíramos com tanto estorço já havia sido totalmente levado pela maré alta. As pontes já tinham sido destruídas, e as torres estavam começando a se inclinar.

Olhei profundamente para aquele castelo de areia, e uma tristeza imensa inundou meu ser. E, de repente, no meio daquele verão comum, tive um momento de pura revelação, sem que tivesse rogado por ela. *Ali está meu casamento*, pensei.

Olhei para o meu marido. O silêncio entre nós parecia claro e impenetrável. Era o silêncio vazio de pessoas de meia-idade e casadas – um casamento em que o barulho incessante da vida cotidiana ameaçava abafar a música da intimidade.

Deus amado, quando foi que a maré mudou? Quando foi que o empréstimo para comprar a casa própria e as roupas para lavar e a hora marcada com o ortodontista se tornaram mais importantes do que os longos e indescritíveis olhares que costumávamos trocar? Há quanto tempo não compartilhamos nossas dores mais profundas ou ficamos com as pernas tremendo devido a uma alegria envolta em espanto e riso? Como duas pessoas que se amavam permitiram que a distância se instalasse entre elas?

Pensei a respeito da atenção desmedida que dedicávamos a nosso relacionamento no início, e como, por fim, as exigências e a rotina interminável para administrar uma casa, educar dois filhos e equilibrar duas carreiras paralisaram nossas mãos e desviaram nosso olhar.

Aquela noite, depois que as crianças foram para a cama, meu marido encontrou-me parada na penumbra da varanda, observando a noite.

- Você praticamente não falou nada a noite toda - disse-me ele.

- Desculpe-me! – murmurei. – É que estou pensativa.

- Você gostaria de compartilhar seus pensamentos comigo? – perguntou-me suavemente.

Virei-me e olhei para ele. Respirei fundo e disse:

- Estou pensando em nós. Acho que nosso relacionamento está sendo sufocado pelas exigências do dia-a-dia. Não demos o devido valor ao nosso casamento.

- O que você está falando? Temos um casamento muito comprometido! – disse-me cheio de indignação.

- É claro que temos um casamento muito comprometido – concordei. – Mas parece que tudo o que temos são obrigações. Às vezes, parecemos dois estranhos vivendo sob o mesmo teto, pois cada um de nós segue seu caminho, bem separados.

Ele não disse uma palavra sequer. *Agora eu já tinha falado*, pensei. Virei o barco até o ponto em que ele estava prestes a soçobrar. Falei para meu marido que nosso casamento era algo muito próximo de um compromisso vazio. Meu Deus! Que coragem!

Nós nos olhamos. Era como se estivéssemos presos em uma bolha de dor que não queria estourar. As lágrimas inundaram minha face e abaixei a cabeça. Para minha surpresa, lágrimas também começaram a rolar no rosto dele.

E, de repente, com certeza o momento mais terno e afetuoso de meu casamento, Sandy, com seus dedos, seguiu o trajeto das lágrimas sobre minha face e, depois, tocou seu rosto também banhado em lágrimas, misturando, desse modo, nossas lágrimas.

Estranho como essas pequenas atitudes podem recriar o mistério da união entre duas pessoas. Sandy e eu descemos os degraus da varanda e fomos caminhar na praia sob o céu estrelado. Aos poucos, começamos a falar. Falamos demoradamente. Falamos sobre as pequenas agonias do casamento e a respeito das grandes batalhas que pessoas casadas têm de enfrentar. Falamos sobre os aspectos vulneráveis à corrosão e ao desgaste em nosso casamento e como eles vieram a acontecer. Falamos palavras doídas sobre nossas necessidades não satisfeitas.

Estávamos dissipando a escuridão que se instalara em nosso relacionamento. É verdade, essa era uma sensação desconfortável e amedrontadora, como ficar flutuando no oceano sem um barco. No entanto, negociar com o caos e encarar a dor são as únicas atitudes que podem nos abrir um novo horizonte. Deus também está nas águas profundas e tenebrosas.

Por fim, já tarde da noite, com a sensação de que algo profundo e novo estava crescendo entre nós, eu disse sonhadora e romanticamente:

- Seria bom se algum dia fizéssemos novamente os votos de casamento.

- O que é que está errado agora? – disse meu marido.

Engoli seco. Será que as surpresas reservadas para essa noite não teriam mais fim?

- Ma... mas o que diríamos? Quer dizer, já não me lembro bem dos votos de casamento. Por que simplesmente não dizemos o que está em nosso coração? – ele sugeriu.

Então, ali, sob a luz das estrelas e com o som do rebentar das ondas enchendo a noite, pegamos um na mão do outro e tentamos traduzir em palavras a música que voltara a ecoar entre nós.

- Prometo ouvi-la – disse ele. – Reservar um tempo para verdadeiramente compartilharmos.

- E eu prometo ser honesta e trabalhar para criar mais união entre nós – comecei a dizer.

Não me recordo de todas as palavras, mas lembro muito bem do sentimento por trás delas, a maneira como minha voz embargou e como sua mão segurou a minha mais estreitamente. Pensei, principalmente, que nossa atitude foi capaz de reconstruir o castelo, restaurar as pontes e erguer as torres.

Na manhã seguinte, deixamos as crianças em frente à televisão com o café da manhã, uma vasilha de cereal, e, a seguir, saímos para caminhar ao longo da praia. O sol derramou um mostrador dourado sobre a água do mar que parecia estar sempre apontando para nós, passo a passo. Conversamos enquanto andávamos, um pouco surpresos pelos acontecimentos da noite anterior, pois sabíamos muito bem que fazer promessas é uma coisa, mas cumpri-las é outra bem diferente. Não poderíamos abandonar nossas promessas recém-declaradas ali, derretendo à luz do luar. Deveríamos levá-las para casa, para que estivessem conosco em nossa rotina frenética, na secadora quebrada e nas migalhas de salgadinho debaixo da cama de meu filho.

Entramos na água alguns metros à frente, até a altura dos joelhos, e ficamos em pé, imersos no céu turquesa e na água cor de jade. Estávamos já para sair da água quando algo aconteceu. O focinho de um golfinho começou a surgir na água, cerca de dois metros apenas de onde estávamos, nos assustando de tal modo que caímos de costas na rebentação das ondas.

Sentamo-nos na água, ainda totalmente vestidos, e... com aquele golfinho ali, pulando e mergulhando diante de nós com seus rodopios prateados, um espetáculo tão maravilhoso e inesperado, nós dois começamos a gargalhar até quase perder o fôlego. Não consigo lembrar-me de uma alegria tão rica e completa quanto essa.

Por fim, nós dois, ainda nesse delírio de tanto rir e com nossas bermudas encharcadas, voltamos ao longo da praia onde alguns vestígios de castelos de areia salpicavam a areia. Olhei cada um deles. A seguir, comecei a ouvir uma voz que me sussurrava: "Quando o amanhã chegar, e a vida derrubar os muros de seu castelo, lembre-se do poder da dor sincera e das lágrimas que se misturam. Lembre-se da cura do riso profundamente compartilhado. Lembre-se do que é importante. Apegue-se a isso sempre".